

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

## DEBATE SOBRE O MINISTÉRIO PASTORAL FEMININO NA OPBB E AS INTERPRETAÇÕES AO TEXTO BÍBLICO DE 1 TIMÓTEO 2.9-15

Debate about the women's pastoral ministry in OPBB and the interpretations to the biblical text of 1 Timothy 2.9-15

Daniel Aquino Torgan<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como proposta demonstrar os rumos tomados pela Ordem dos Pastores Batistas do Brasil referente à histórica discussão sobre a ordenação de mulheres ao pastorado, analisar a perícopes de 1 Timóteo 2.9-15 e apresentar diferentes interpretações sobre o papel da mulher na Bíblia. Ao contar a trajetória da primeira pastora a ser consagrada por uma Igreja Batista filiada à Convenção Batista Brasileira, traz à tona a necessidade de buscar nas Escrituras Sagradas resposta a este embate, e o faz lembrando-se da confissão doutrinária da Convenção Batista Brasileira, a qual tem como primeiro princípio a Bíblia como regra de fé e conduta. Com isso busca analisar de modo breve, porém com a metodologia histórica-gramatical, o texto de 1 Timóteo 2.9-15, apontado como um dos mais importantes na discussão sobre o pastorado feminino. Por fim, apresenta as opiniões divergentes a respeito do papel da mulher, conhecidas como “complementaristas” e “igualitaristas” bem como suas percepções na perícopes paulina acentuada.

**Palavras-chave:** Mulher. Pastorado. OPBB. 1 Timóteo.

### ABSTRACT

This article aims to show the direction taken by the Association of Baptist Pastors of Brazil concerning the historical discussion about the ordination of women to the pastorate,

<sup>1</sup> O autor é Mestrando em Teologia pelo programa de pós-graduação das Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Possui graduação em Teologia e pós-graduação em Teologia Bíblica do Novo Testamento Aplicada pela Faculdade Teológica Batista do Paraná (FTBP). E-mail: [daniel.torgan@gmail.com](mailto:daniel.torgan@gmail.com)

analyze the pericope 1 Timothy 2.9-15 and present the different interpretations of the role of women in the Bible. In telling the trajectory of the first woman pastor to be consecrated by a Baptist church affiliated with the Brazilian Baptist Convention brings out the need to seek in the Holy Scriptures answer this struggle, and makes remembering the doctrinal confession of the Brazilian Baptist Convention which has as a first principle the Bible as the rule of faith and conduct. With that seeks to analyze briefly, but with the historical-grammatical method the text of 1 Timothy 2.9-15 considered as one of the most important in the discussion about female pastorate. Finally, submit the conflicting opinions about the role of women, known as "complementarian" and "egalitarian" and their perceptions in the Pauline pericope.

**Keywords:** Woman. Pastorate. OPBB. 1 Timothy.

## INTRODUÇÃO

As várias denominações evangélicas encontradas no Brasil possuem diferentes visões a respeito do ministério pastoral feminino. Enquanto em algumas há considerável tempo já possuem pastoras no seu rol de filiados, outras vertentes assumem a postura de que nunca será possível uma mulher obter tal cargo.<sup>2</sup>

A Convenção Batista Brasileira (CBB), órgão que representa a mais antiga vertente Batista no país, tem visto diversos debates em seu meio a respeito da ordenação de mulheres. Em sua declaração doutrinária, no artigo XI, denominado Ministério da Palavra, consta apenas o gênero masculino como ministro da Palavra de Deus: “Deus escolhe, chama e separa certos homens”; “O pregador da Palavra é um porta-voz de Deus entre os homens”; “Quando um homem convertido dá evidências de ter sido chamado e separado por Deus para esse ministério...”.<sup>3</sup> Isto, obviamente não declara a impossibilidade da ordenação de mulheres, porém demonstra uma das maneiras em que é visto o ministro da Palavra. No entanto, a última deliberação tomada pela Ordem dos Pastores Batistas do Brasil (OPBB), referente à ordenação de mulheres ao pastorado, ocorrida em 2014, deixou o parecer mais favorável, se comparado às decisões que vinham sendo tomadas por este órgão em outras ocasiões.

### 1. A DECISÃO A RESPEITO DO PASTORADO FEMININO NA OPBB

A OPBB, que faz parte da CBB e responde a ela em suas decisões, no curso de oito anos (2007 a 2015) emitiu pareceres diferentes a respeito da ordenação de mulheres ao pastorado. No entanto, a “luta” para a consagração oficialmente teve início no ano de 1999. Na ocasião, o pastor Antonio Carlos Melo Magalhães, da Igreja Batista em Campo Limpo / SP, convocou a OPBB-SP para concílio da jovem Silvia da Silva Nogueira. A maioria dos pastores daquela seção rejeitara a possibilidade de se fazer um concílio. Na data prescrita, 10 de julho de 1999, compareceram mais de 60 pastores e por 54 votos contra 23 foi decidida a não instauração do concílio. Todavia, como consta em O Jornal Batista (OJB), órgão oficial da CBB, o pastor da Igreja em Campo Limpo-SP submeteu a ata à apreciação da Igreja, que “a desconheceu”. Depois de retirados os pastores, foram novamente convocados a votar a instauração de

---

<sup>2</sup> PINTO, 2009, p. 137.

<sup>3</sup> DECLARAÇÃO DOCTRINÁRIA DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA, 2015.

concílio, agora com a presença de 23 pastores. O exame foi considerado nulo perante a OPBB-SP, no entanto, para a Igreja a irmã foi reconhecida como pastora.<sup>4</sup> A primeira pastora de uma Igreja filiada à Convenção Batista Brasileira.<sup>5</sup>

Os esforços para a consagração de mulheres ao pastorado já haviam começado muito antes desta data, porém nenhum com sucesso real. O primeiro relato encontrado no OJB foi publicado no dia 18 de julho de 1976, quando em seu editorial constou o pedido de concílio a uma jovem ex-aluna de seminário (seu nome não aparece no documento) por ocasião de seu marido já estar pastoreando no Rio Grande do Sul.<sup>6</sup>

O pronunciamento oficial se daria no ano de 2007. Reunida em Florianópolis – SC, a OPBB entendeu que continuaria com a medida de não possibilitar a entrada de mulheres em sua filiação. Porém, devido a várias discussões e impasses ocorridos antes de 2007, algumas seções estaduais consagraram mulheres ao pastorado. O parecer, portanto, da OPBB até o ano de 2012 (data da última atualização do site da OPBB) foi o seguinte:

Enquanto a OPBB coordenava um debate nacional se deveria ou não filiar pastoras, algumas de suas seções decidiram filiar-las. Em janeiro de 2007, a Assembleia Geral da OPBB decidiu que não filiaría pastoras e um impasse foi criado: valia ou não a filiação das que foram aceitas pelas seções antes dessa data? Três anos depois, a Seção do Paraná encaminhou uma consulta sobre essa questão, e o plenário da OPBB, em Cuiabá 2010, reconheceu o direito daquelas pastoras. Portanto, a filiação de pastoras continua proibida pela decisão de Florianópolis/2007, mas as pastoras que foram filiadas pelas Seções até janeiro de 2007 receberão a carteira da OPBB.<sup>7</sup>

Esta decisão permaneceu até o dia 22 de janeiro de 2014, quando em João Pessoa – PB a OPBB, reunida em Assembleia Geral anual, decidiu, por 246 votos a favor e 196 contrários, mudar o parecer emitido às seções.<sup>8</sup> Ainda não seria uma decisão imposta e tomada de uma vez, mas a partir daquela data cada seção – que normalmente aborda um estado ou região – poderia decidir por si própria a aceitação ou não de mulheres em sua filiação. Sendo a decisão de uma determinada seção favorável e tendo a candidata êxito em todas as partes do processo examinatório, a OPBB passa a reconhecer e aceitar a filiação de pastoras. No documento emitido às seções constam duas diretrizes: a) “que cada seção decida em Assembleia específica, com escrutínio secreto, devidamente convocada para esse fim, se aceita ou não pastoras em seu quadro”; e, conseqüentemente: b) “no caso de aceitação, que se obedeça aos preceitos estatutários concernentes à filiação estabelecidas no estatuto e no regimento interno da OPBB”.<sup>9</sup>

O formato administrativo das Igrejas Batistas filiadas à CBB já permitia que cada Igreja local tivesse a autonomia na consagração de mulheres ao pastorado. No entanto, essa decisão local não se fazia reconhecida nas seções estaduais e muito menos na OPBB. Na prática, a

<sup>4</sup> ROCHA, et.al, 1999, p. 4.

<sup>5</sup> CINTRA, 2015.

<sup>6</sup> PEREIRA, 1976, p. 3.

<sup>7</sup> ORDEM DOS PASTORES BATISTAS DO BRASIL, 2012.

<sup>8</sup> DIRETRIZES PARA A REALIZAÇÃO DO PRESBITO SOBRE FILIAÇÃO DE PASTORAS NA OPBB-SP, 2015, p. 1.

<sup>9</sup> DIRETRIZES PARA A REALIZAÇÃO DO PRESBITO SOBRE FILIAÇÃO DE PASTORAS NA OPBB-SP, 2015, p. 1.

pastora necessitaria em cada troca de ministério da aprovação da Igreja local para exercer ali as funções e ter o cargo pastoral. A partir da última data, tendo a seção aceito a consagração feminina, a pastora passa a ser reconhecida em âmbito seccional e nacional.

A Convenção Batista Brasileira, em sua declaração doutrinária, documento de maior importância no órgão, possui como primeiro princípio “a aceitação das Escrituras Sagradas como única regra de fé e conduta”.<sup>10</sup> Parte daí a premissa de que todo entendimento vindo de uma clara interpretação bíblica é válido para a prática nas igrejas filiadas à CBB. Portanto, cabe voltar-se resumidamente às interpretações de 1 Timóteo 2.9-15, buscando perceber as possibilidades bíblicas na validação da ordenação ao ministério pastoral de mulheres mediante os ensinamentos e ordenanças encontrados no texto.

## 2. UMA BREVE ANÁLISE EXEGÉTICA DE 1 TIMÓTEO 2.9-15

O estudioso da Bíblia sabe que toda passagem (perícopes) possui diversas aplicações. É isso que acontece semanalmente nas reuniões eclesiais quando a mensagem é pronunciada. Porém, além das aplicações são vistas também diversas interpretações a textos bíblicos, as quais, obviamente, divergem entre si. Dentre as mais discutidas em relação ao ministério pastoral feminino, encontra-se a passagem de 1 Timóteo 2.9-15, considerada até mesmo a “mais importante para a discussão sobre o ministério feminino ordenando”.<sup>11</sup> Esta tem como centro de sua argumentação – numa primeira leitura - a ordenança da mulher permanecer em silêncio nas reuniões feitas pela Igreja, não ensinar e não exercer autoridade sobre o homem. O que tal perícopes teria a contribuir na decisão da CBB em relação à ordenação pastoral de mulheres?

### 2.1 Uma maneira correta de se vestir

O texto de 1 Timóteo 2.9-15 está dividido em três partes: 1) O modo de se vestir e portar da mulher; 2) a questão do ensino e da autoridade; 3) o relato da criação e da queda juntamente com o modo da mulher ser salva. O pensamento que está no centro, portanto, é o da mulher não ensinar e nem exercer autoridade na Igreja.

O autor começa sua argumentação chamando as mulheres à discricção ou moderação em suas vestimentas. Ele introduz o tema com a expressão “do mesmo modo” (v.9). A qual afirmação a expressão está ligando o modo das mulheres se portarem? À oração: “assim como os homens ao orar devem ter uma atitude sincera e santa, as mulheres, ao orar, devem ser modestas”.<sup>12</sup> Ainda mais, segundo Burki, o tema da modéstia correrá por todo o texto – vestir-se moderadamente, ter uma atitude interior compreensiva e um comportamento na Igreja condizente com esse modo de agir.<sup>13</sup>

O papel da mulher será ter uma vestimenta moderada exteriormente e um “revestimento” interior de boas obras. O traje deve ser “modesto” que, de modo interessante,

<sup>10</sup> DECLARAÇÃO DOUTRINÁRIA DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA, 2015.

<sup>11</sup> LOPES, 1997, p. 13.

<sup>12</sup> RADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2010, p. 590.

<sup>13</sup> BURKI, 2007, p. 36.

é a tradução de *kosmios* a palavra grega para “belo”. O sentido original é de que o belo é organizado como o cosmos (mundo), em contraste com a desordem do caos. Seguido a esta palavra, vem a do “bom senso” em vestir-se. Fee lembra que os vestidos dispendiosos das mulheres, tanto gregas quanto judaicas, equivalia à leviandade sexual ou mesmo à insubordinação conjugal. Uma mulher casada que se apresentasse vestida de modo indecoroso – talvez com muitos enfeites e vestidos caríssimos – poderia ser considerada infiel.<sup>14</sup>

A cidade de Éfeso vivia uma época de riqueza, com o comércio sendo o responsável por sua condição. Com isso as mulheres demonstravam estar em ascensão social através de seus penteados (além de outros aspectos). Um penteado caro e contendo joias preciosas demonstrava mais riquezas.<sup>15</sup>

Em contraste com o uso desmedido do dinheiro em trajes ou enfeites, a mulher deveria vestir-se de “boas obras”, como adoração a Deus. Essas boas obras das mulheres correspondem às mãos santas dos homens levantadas em oração.<sup>16</sup> E são, na verdade, o resultado de uma vida temente a Deus. As boas obras aqui podem estar ligadas à criação de filhos (v.15).<sup>17</sup>

## 2.2 A mulher deve permanecer em silêncio em toda a reunião cristã?

Nesse contexto da moderação social e boas obras está contido o verso 11: “a mulher deve aprender em silêncio, com toda a sujeição”.<sup>18</sup> Uma rápida olhada pelo texto, a partir desta tradução, apontaria a total anulação da participação da mulher em qualquer culto ou reunião cristã. No entanto, vários comentaristas demonstram ser essa uma tradução incorreta, principalmente se aplicada ao contexto de Éfeso. A palavra traduzida por “silêncio”, na perícopes em questão, é traduzida por “mansa”<sup>19</sup> ou “tranquila” em 1 Timóteo 2.2 – no mesmo capítulo. Desta maneira, é proposto, por exemplo, que uma tradução mais fiel seria dizer que a mulher deve permanecer “num comportamento tranquilo” no decorrer das reuniões.<sup>20</sup> Isso apenas indica que a palavra, dependendo do contexto, pode ser usada de diferentes maneiras, sendo necessário ir mais a fundo para descobrir qual tradução se encaixa melhor ao contexto do verso 11.

O que parece é que a Igreja de Éfeso passava por dificuldades advindas de falsos mestres e mulheres insubordinadas à liderança. Pois algumas delas “estavam abusando da liberdade que haviam recentemente encontrado em Cristo e tumultuando os cultos com suas interrupções”.<sup>21</sup> O problema veio através da doutrina, por isso a primeira instrução de Paulo a Timóteo é a de que falsos mestres não ensinem mais as doutrinas falsas (1 Tm 1.3). Esses

<sup>14</sup> FEE, 1994, p. 81.

<sup>15</sup> WIERSBE, 2006, p. 283.

<sup>16</sup> BURKI, 2007, p. 36.

<sup>17</sup> FEE, 1994, p. 81.

<sup>18</sup> BÍBLIA. Português. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2003, 1 Timóteo 2.11.

<sup>19</sup> WIERSBE, 2006, p. 283.

<sup>20</sup> FEE, 1994, p. 82.

<sup>21</sup> WIERSBE, 2006, p. 283.

farsantes estariam ensinando às mulheres que em Cristo elas eram livres do casamento, da intimidade sexual com seu cônjuge e de dar à luz a filhos.<sup>22</sup>

Ainda que fosse o caso de o autor da epístola proibir a mulher de falar em público o verso 11 já conteria uma afirmação de liberdade e valorização da mulher. Que ela aprenda! Na Grécia, contexto cultural de Éfeso, a mulher não era tida como capaz de aprender<sup>23</sup>, e no judaísmo era considerada incapaz de entender as minúcias dos ensinamentos rabínicos.<sup>24</sup> Os passos aqui traçados têm indicado que Paulo está discorrendo sobre o bom uso da liberdade que a nova fé havia dado às mulheres.

A proibição de falar em público, no entanto, não parece acontecer de fato no texto. O termo grego traduzido por silêncio, mas que melhor seria por “comportamento tranquilo”, é *hesuchia*; um tanto quanto diferente de *sigas*, palavra para “nada falar ou dizer”.<sup>25</sup>

A mulher, então, deve aprender sossegadamente e “com toda a sujeição”. Os dois termos parecem ser importantes: toda e sujeição. Para Fee, a palavra “toda” é um termo que indica “ser submissa” de todas as maneiras possíveis.<sup>26</sup> Hinson lembra que o tema da submissão era conhecido e amplamente aceito na igreja primitiva, não apenas das mulheres para com os maridos, mas dos escravos aos senhores e filhos aos pais.<sup>27</sup> O sujeitar-se, no entanto, não é a condição de inferioridade, porém a atuação dentro de uma estrutura hierárquica. Aquele que exerce autoridade não é mais digno, mas somente está ocupando uma posição elevada dentro da estrutura.<sup>28</sup>

Deste modo, o autor no verso 11 está tratando do tema de insubmissão de algumas mulheres dentro do contexto da Igreja em Éfeso, chamando-as a aprenderem de modo tranquilo e fazendo o possível para submeterem-se à estrutura encontrada na Igreja. Seu modo de lidar com o assunto não mostra que esteja ordenando às mulheres não falarem na Igreja. Em sua Primeira Carta aos Coríntios, o apóstolo cita mulheres que profetizavam (1 Co 11.5).

### 2.3 A mulher pode pregar em reuniões onde estiverem homens?

O verso 12 introduz a proibição de que a mulher ensine e exerça autoridade sobre o homem. Em que condições essa tratativa direta vale à mulher? Como anteriormente, é válido perguntar se a ordem serviu apenas em determinado contexto - se for o caso, deveria ser feita uma análise e comparação das dificuldades enfrentadas pela Igreja em Éfeso e dos problemas encontrados em cada congregação local para sua aplicação contemporânea – ou é uma ordenança supracultural?

<sup>22</sup> BURKI, 2007, p. 37.

<sup>23</sup> RADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2010, p. 591.

<sup>24</sup> PINTO, 2009, p. 146.

<sup>25</sup> RADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2010, p. 591.

<sup>26</sup> FEE, 1994, p. 82.

<sup>27</sup> HINSON, 1988, p. 379.

<sup>28</sup> WIERSBE, 2006, p. 282.

A exclamação “não permito”, que abre o verso 12, é entendida por vezes como “não estou permitindo”, indicando uma objeção específica para aquela situação,<sup>29</sup> o que seria uma diferença grande demais para não ser notada. No entanto, o termo *epitrépo* está claramente na conjugação de verbo indicativo presente, indicando uma atitude constante<sup>30</sup>, tendo como “não permito” uma melhor tradução.

A restrição dirigida às mulheres está em duas partes: ensinar e exercer autoridade sobre o homem. Neste ponto encontram-se as principais divergências. Burki entende que o mandato está relacionado às deturpações encontradas na Igreja, pois “o que começou como oração e falar profético facilmente podia acabar em ensinamento autoritário”, sendo assim a mulher estaria impedida apenas de pronunciar declarações de mando sobre os homens – nas reuniões eclesíásticas.<sup>31</sup> Para Fee, as mulheres estão sendo proibidas de ensinar, porém apenas na Igreja de Éfeso (ou somente nas igrejas-lares da cidade); essa ordem não diz respeito a todas as Igrejas cristãs – ele lembra que em Corinto havia mulheres que profetizavam.<sup>32</sup> Ainda mais, Fee demonstra que a palavra *authentein* - traduzida por “autoridade” - aparece apenas nesta perícopes em todo o Novo Testamento e deve ser entendida como “dominação” ou apontar para este sentido no contexto. Por isso, segundo ele, a proibição seria porque as mulheres estavam sendo influenciadas por falsos mestres e ajudavam na promoção dos erros doutrinários que eles pregavam.<sup>33</sup> Em relação a esta palavra, será vista na próxima seção uma diferente forma de traduzi-la, de modo a sustentar o argumento de que a ordenança colocada aqui seja válida apenas dentro do contexto cultural em que Timóteo se encontrava.

A opinião divergente, vinda de Radmacher, Allen e House, defende que a proibição de ensinar está ligada à ordem na criação. A não-permissão estaria pautada na teologia de Paulo e não nos problemas culturais ou eclesíásticos encontrados em Éfeso. Ensinar seria o equivalente a exercer “doutrina, correção, disciplina e repreensão” e a frase estaria construída de modo a unir indissolavelmente os termos “ensinar” e “exercer autoridade” através da palavra “nem” (em grego *oude*):

Quando examinamos 144 exemplos do Novo Testamento que usam a mesma construção encontrada aqui no versículo 12, descobrimos que o *nem* é usado para reforçar ou intensificar um conceito, com o qual ambos os elementos se relacionam (sendo o primeiro específico e o último geral: aqui, ensinar e exercer autoridade).<sup>34</sup>

O argumento, portanto, é de que pelo sentido da palavra “ensino” e pela construção gramatical da frase traduzida por “não permito que a mulher ensine nem exerça autoridade de homem”, ela estaria sendo proibida de ocupar cargos onde teria a possibilidade de disciplinar, doutrinar ou exercer alguma autoridade sobre o homem. Eles também refutam a forma de traduzir onde a ordenança seria apenas a proibição de um “ensinar de modo

<sup>29</sup> FEE, 1994, p. 82.

<sup>30</sup> RADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2010, p. 592.

<sup>31</sup> BURKI, 2007, p. 37.

<sup>32</sup> FEE, 1994, p. 83.

<sup>33</sup> FEE, 1994, p. 83.

<sup>34</sup> RADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2010, p. 592.

dominador”. Tal ideia gramatical não é encontrada no texto e não se constitui uma característica de escrita do apóstolo. Também demonstram que em nenhum lugar Paulo está proibindo que as mulheres ensinem doutrinas falsas – o que seria, obviamente, proibido a homens e mulheres – mas que exerçam o ensino e a autoridade que advém dele.<sup>35</sup> Em corroboração, Pinto entende que o “verbo não pode ser usado como justificativa para afirmar que o que Paulo proíbe é apenas o ensino autoritário, dominador das mulheres. A ideia real do verbo é exercer autoridade de qualquer tipo”.<sup>36</sup>

A dúvida que não é respondida diz respeito à autoridade da mulher “pregar” na Igreja, segundo tal interpretação gramatical, desde que não fosse para exercitar a doutrinação ou disciplina. Numa linguagem popular, comumente usada em reuniões cristãs, seria “falar uma palavra devocional” ou “trazer breve reflexão”. Pois, ainda que a mulher esteja proibida de doutrinar e disciplinar toda a Igreja (o que incluiria homens), neste específico caso não parece que ela esteja sendo impedida de fazer uso da palavra no momento da reunião. No entanto, se esta última leitura estiver correta, parece ser difícil conciliar o mandato de Paulo com um ministério pastoral titular da mulher. Porque, sendo ela líder em uma comunidade, certamente teria de exercer a tarefa de ensinar (doutrinar, disciplinar, corrigir, admoestar) a todos – inclusive homens.

#### **2.4 Adão e Eva: um argumento baseado na criação ou apenas o melhor exemplo naquele contexto?**

Como numa competição esportiva onde a parte mais difícil sempre fica para o final, a períclope paulina em questão reservou para os últimos três versos as afirmações mais complexas de serem interpretadas.

<sup>13</sup> Porque primeiro foi formado Adão, e depois Eva. <sup>14</sup> E Adão não foi enganado, mas sim a mulher que, tendo sido enganada, tornou-se transgressora. <sup>15</sup> Entretanto, a mulher será salva dando à luz filhos – se elas permanecerem na fé, no amor e na santidade, com bom senso.<sup>37</sup>

A criação de Adão antes de Eva é argumento usado para uma ordenança supracultural ou serviu apenas naquele contexto em Éfeso? Em primeiro lugar, nota-se que o autor cita um texto bastante conhecido dos leitores, seu falar é a nível de lembrá-los do que já sabem – não precisando recordar todo o relato da criação. Aqui a proposta de submissão da mulher é vista como algo natural, um desenrolar dos parâmetros obtidos na criação. Adão não é visto como mais importante ou de melhor essência, mas “*primus inter pares*, primeiro entre iguais”.<sup>38</sup> E é necessário sempre lembrar de que “prioridade não significa superioridade”.<sup>39</sup>

A argumentação de que aludir a Adão e Eva seja apenas exemplo para aquele contexto é sustentada ligando a “não-prioridade” de Eva na criação com sua necessidade de se vestir modestamente – e não com o verso anterior, que fala a respeito do ensino. Segundo tal

<sup>35</sup> RADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2010, p. 592.

<sup>36</sup> PINTO, 2009, p. 158.

<sup>37</sup> BÍBLIA. NVI, 2003, 1 Timóteo 2.13-15.

<sup>38</sup> BURKI, 2007, p. 37.

<sup>39</sup> WIERSBE, 2006, p. 284.

leitura, até mesmo os versos 11 e 12 (comportamento tranquilo, não ensinar e não exercer autoridade) estão ligados ao verso 9 (a mulher vestir-se modestamente), ou seja, toda a leitura do texto deverá ser feita a partir do mandato das vestimentas: o que seria com certeza um argumento cultural.<sup>40</sup> Gould apenas opina que “as razões que o apóstolo cita nos versículos 13 e 14 para estabelecer esta regra são insuficientes para validá-la como programa de ação para todas as gerações futuras de cristãos”<sup>41</sup>, porém, se as razões forem relacionadas à ordem da criação, certamente servem como programa de ação para todas as gerações futuras.

A opinião contrária apoia-se firmemente na prioridade do homem no ato da criação. Ser criado primeiro diz respeito à autoridade. E como esta autoridade está ligada ao ensino na perícopes, certamente exercitá-la – na tarefa de ensinar - é parte exclusiva dos homens. O argumento da prioridade na criação apoiaria então a liderança espiritual na Igreja feita somente pelos homens.<sup>42</sup> A dificuldade para a interpretação supracultural na citação da criação é a de que a passagem parece dar base apenas à submissão da mulher em relação ao seu marido e não a todo homem – num sentido de gênero. Hinson entende que o ponto de vista de Paulo é que as mulheres devem submeter-se “voluntariamente a seus maridos”.<sup>43</sup> Burki vê nesse texto o chamado para a mulher estar subordinada ao amor do homem – com certeza referente a seu marido.<sup>44</sup> Radmacher, Allen e House sustentam que a mulher que ensina exerce autoridade numa área reservada para seu marido.<sup>45</sup> Ou seja, os comentaristas que citam o relato da criação na perícopes como argumento supracultural o colocam como a impossibilidade da mulher exercer a função de autoridade que estaria reservada ao seu marido.

Sem dúvida, a decisão de ordenar mulheres ao pastorado apoiando-se biblicamente não é feita ao olhar apenas para estes versos de 1 Timóteo. No entanto, ao focar o texto algumas perguntas já podem ser feitas no tocante à maneira como a OPBB e a CBB agem em relação à liderança feminina nas igrejas: caso a perícopes fale da impossibilidade da mulher exercer autoridade sobre o marido na Igreja, uma mulher solteira poderia ser pastora? Se a resposta ainda for não, certamente deveria ser repensada a condição das várias missionárias encontradas nos campos, solteiras ou não, que exercem a função de liderança.

Depois do relato da criação, “costurado” a ele vem o relato da queda. A luz ainda permanece no texto de Gênesis, todavia agora está focada no erro cometido pelo primeiro casal. Se o argumento da criação deve ser usado supraculturalmente, o argumento da queda deveria acompanhá-lo? Paulo diz o seguinte: “E Adão não foi enganado, mas sim a mulher, que, tendo sido enganada, tornou-se transgressora”.<sup>46</sup>

Ao lembrar a queda do primeiro casal, Fee propõe que Paulo estava usando-os de modo representativo. Adão tornou-se o representante da humanidade, entregando-se ao pecado, e

<sup>40</sup> FEE, 1994, p. 84.

<sup>41</sup> GOULD, 2006, p. 467.

<sup>42</sup> RADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2010, p. 284.

<sup>43</sup> HINSON, 1988, p. 380.

<sup>44</sup> BURKI, 2007, p. 37.

<sup>45</sup> RADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2010, p. 592.

<sup>46</sup> BÍBLIA. NVI, 2003, 1 Timóteo 2.14.

Eva é citada para se tornar a “mulher representativa”. Portanto, usando apenas a queda como exemplo – e representatividade – o apóstolo estaria ligando o pecado em que Eva caiu, enganada pela serpente, aos erros cometidos pelas mulheres em Éfeso enganadas pelos falsos mestres. O comentarista cita a mesma epístola para mostrar que os falsos mestres, na perspectiva de Paulo, estavam seguindo “doutrinas de demônios” (1 Tm 4.1) e que algumas mulheres haviam se desviado, com o intuito de “seguir a Satanás” (1 Tm 5.15).<sup>47</sup>

Para outros exegetas, no entanto, citar a Queda foi uso de argumento supracultural, ou seja, ordenança que não estaria limitada ao contexto de Efésios. Eva, como representante ou arquétipo da mulher de modo geral, foi “uma vítima tão ingênua das artimanhas da serpente, [que] claramente não se pode confiar nela para ensinar”.<sup>48</sup> Assim sendo, as suas características e propensões foram transmitidas a todos os descendentes, sendo que no relacionamento de Adão e Eva pode ser visualizada a relação permanente entre homem e mulher.<sup>49</sup>

Burki faz uma conexão diferente dos versículos, a fim de entender qual a linha de pensamento de Paulo. Para ele, o apóstolo relacionou o verso 11 com o 13 e o verso 12 com o 14, o que na prática teria o seguinte sentido: “uma mulher aprenda com calma e submissão [ordenança encontrada no verso 11], porque Adão foi criado primeiro, depois Eva [argumento do verso 13]”; e “Não permito a uma mulher ensinar publicamente, nem que domine sobre o homem, mas deve manter-se calma [ordenança no verso 12] porque não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher foi seduzida e caiu em transgressão [argumento do verso 14]”.<sup>50</sup> De fato, se este é o sentido do texto, Paulo está dizendo que, ao ser seduzida pela serpente, a mulher demonstrou não ter capacidade para ensinar o homem. No entanto, dizer isso seria negar o argumento da criação como formato de prioridade. Se relatar a Queda a partir da sedução de Eva demonstra com isso que a mulher não tem capacidade de ensinar e exercer autoridade sobre o homem, o argumento da criação fica nulo, pois somente aí é que Eva – e toda mulher – teria perdido a possibilidade de exercer tais funções.

Outra percepção sustenta que Paulo esteja nesta passagem proibindo o ensino e autoridade de mulheres sobre os homens, mas não esteja tirando a culpa de Adão, pois, ao exclamar que ele “não foi enganado”, o apóstolo está afirmando: ele “pecou de olhos abertos”. A mulher, sim, chegou a ser enganada – e o verbo dá a entender ter sido completamente enganada. Para tal pensamento, os relatos da criação e da queda (versos 13 e 14) vêm juntos e se relacionam como uma peça só com os versos anteriores.<sup>51</sup> Ao que parece neste ângulo, Paulo está dizendo da prioridade do homem (criação) e da maior facilidade que a mulher tem de ser enganada (queda).

No entanto, duas características dificultam a premissa de que a mulher é mais facilmente iludida por causa de seu engano no relato da Queda: 1) não encontrar nenhum outro texto em que ele fala sobre o papel da mulher, ligando-o ao relato da Queda como base argumentativa e, 2) este relato encaixar-se perfeitamente no problema que a Igreja de Éfeso

<sup>47</sup> FEE, 1994, p. 84.

<sup>48</sup> KELLY, 1983, p. 71.

<sup>49</sup> KELLY, 1983, p. 72.

<sup>50</sup> BURKI, 2007, p. 37.

<sup>51</sup> RADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2010, p. 593.

vinha enfrentando: a insubmissão de mulheres devido ao engano de falsos mestres. Sobre o segundo ponto, ainda deve ser dito que, apesar de um argumento servir ao contexto, ele pode sem dúvida ser baseado numa doutrina universal. Lopes exemplifica a doutrina da justificação sendo usada por Paulo no contexto de Gálatas e que serviu perfeitamente ao seu argumento contra os judaizantes.<sup>52</sup> No entanto, essa doutrina é reafirmada em outros contextos e epístolas; já o engano da mulher na Queda não é mais citado quando se fala do papel da mulher na Igreja.

## 2.5 Uma maneira de ser salva?

Em última parte, encontra-se uma declaração chamada até mesmo de “excessivamente obscura”.<sup>53</sup> Para esta pesquisa cabe perguntar a relação dela com o ministério pastoral feminino. “A mulher será salva dando à luz a filhos”,<sup>54</sup> como esta afirmação relaciona-se com o restante da perícopes?

Fee, o qual entende serem as proibições a nível cultural, propõe que do verso 14 ao 15 há uma troca de sujeitos. Eva foi enganada – sendo citada apenas como ilustração – e as mulheres de Éfeso seriam salvas dando à luz, literalmente pelo parto! Muitos têm discordado de uma interpretação simples, sendo que alguns sustentam ser melhor tradução dizer que a mulher “será conservada segura durante o parto”. Entretanto, uma tradução desta seria forçar o texto e obviamente não condiria com a experiência de muitas cristãs piedosas, que morreram no momento do parto.<sup>55</sup>

A frase é interpretada também como um relato de Maria e o nascimento de Jesus. O significado seria o de a salvação chegar ao mundo simbolizado pelo parto de Maria.<sup>56</sup> Duas dificuldades estariam em 1) Paulo nunca dizer que a salvação se dá pela ação de Maria e 2) ser impossível esticar o texto para dizer “filho de Maria” ao invés de apenas “filhos”, como está escrito.<sup>57</sup>

O mais provável é de que Paulo esteja relacionando “gerar filhos” com as “boas obras” encontradas no começo do texto (v.10). Estas boas obras incluiriam casar-se, ter filhos e manter um bom lar (cf 1 Tm 5.11,14).<sup>58</sup> A palavra “salvação”, neste contexto, parece não estar relacionada ao ato da justificação e sim à santificação diária. Um processo no qual a mulher assumiria seu papel no lar e na Igreja. Também é possível entender nesse sentido que Paulo “esteja referindo-se a estar livre a mulher do desejo de dominar, por reconhecer seu devido lugar na ordem da criação de Deus”.<sup>59</sup>

São indicados, portanto, dois caminhos a serem tomados: o da interpretação onde o texto traz ordenanças universais, entendendo que no processo da salvação a mulher

<sup>52</sup> LOPES, 1997, p. 16.

<sup>53</sup> HINSON, 1988, p. 380.

<sup>54</sup> BÍBLIA. NVI, 2003, 1 Timóteo 2.15.

<sup>55</sup> FEE, 1994, p. 84-85.

<sup>56</sup> RADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2010, p. 593.

<sup>57</sup> FEE, 1994, p. 85.

<sup>58</sup> FEE, 1994, p. 85.

<sup>59</sup> RADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2010, p. 593.

compreende seu papel na sociedade (lar, Igreja); o da interpretação onde o texto traz ordenanças culturais, compreendendo ser apenas um chamado para as mulheres de Éfeso em conceber o matrimônio e a maternidade como uma bênção advinda no processo de salvação, em que o real “motivo dessas instruções especiais (...) é mais compreendido como reação às atividades e aos ensinamentos dos presbíteros transviados”.<sup>60</sup>

### **3. AS OPINIÕES A RESPEITO DO PASTORADO FEMININO E O TEXTO DE 1 TIMÓTEO 2.9-15**

As opiniões de exegetas, comentaristas bíblicos e escritores são das mais diversas possíveis com respeito ao pastorado de mulheres. Vão desde a afirmação que “não há respaldo bíblico suficiente para que se recebam mulheres ao pastorado (...) de igrejas cristãs locais”,<sup>61</sup> até a opinião de que uma “lenta, mas progressiva inclusão da mulher nos ministérios da igreja é a resultante lógica e natural da operação iluminadora do Espírito Santo a superar limitações e barreiras descabidas que entravam a obra do evangelho”.<sup>62</sup>

Atribuir o pastorado de mulheres como um desvio da correta ortodoxia ou uma iluminação do Espírito Santo é opinião pessoal, não plausível de discussões. No entanto, os defensores de cada interpretação possuem suas leituras e hermenêuticas bíblicas, advindos de variados modos de estudá-la – diferentes métodos e teologias, por exemplo. Obviamente os argumentos não se posicionam citando apenas o texto de 1 Timóteo 2.9-15, contudo esta se tornou passagem necessária a qualquer que queira definir biblicamente seu ponto de vista na ordenação feminina.

A linha dos que discordam da mulher no pastorado é conhecida como “complementarista”, também chamada de “hierarquista” ou “diferencialista”. Esse nome se dá simplesmente pelo entendimento de que a mulher e o homem possuem diferentes posições e funções, portanto a função que a mulher exerce é complementar ao homem e não igual à dele. A linha defensora da ordenação de mulheres é chamada de “igualitarista”, por entender a função da mulher igual à do homem.<sup>63</sup> Sem dúvida, as diferentes perspectivas se refletem de modo diferente na percepção do espaço e função da mulher na Igreja.

Lopes, defensor da linha complementarista, ao analisar o texto bíblico em questão, propõe que a ordem da mulher não ensinar está ligada diretamente à de não exercer autoridade sobre o homem (cf. verso 12). Segundo ele, nas cartas pastorais – 1 e 2 Timóteo e Tito – “ensinar sempre tem o sentido restrito de instrução doutrinária autoritativa, feita com o peso da autoridade oficial dos pastores e presbíteros”. A proibição seria a respeito da mulher ter autoridade para ensinar doutrina nos cultos. A chave estaria no modo do apóstolo perceber os princípios oriundos da Criação e da Queda.<sup>64</sup>

---

<sup>60</sup> FEE, 1994, p. 86.

<sup>61</sup> LOPES, 1997, p. 18.

<sup>62</sup> LUZ, 2011.

<sup>63</sup> PINTO, 2009, p. 137.

<sup>64</sup> LOPES, 1997, p. 14.

Outra contribuição interpretativa de Lopes diz respeito à dúvida sobre o texto ser dirigido ao homem e mulher de modo geral ou apenas ao marido e esposa. Se o escritor bíblico estiver referindo-se ao casal, a tradução deveria dizer que a mulher não tem a permissão de ensinar e exercer autoridade sobre o marido. O teólogo presbiteriano aponta, no entanto, outros textos bíblicos onde Paulo demonstra abertamente falar sobre marido e mulher: Efésios 5.22 e Colossenses 1.18. Seu argumento é o de que, se Paulo desejasse falar sobre a função do casal perante a Igreja, teria feito claramente, como fez em outros momentos. Lopes chama atenção ao contexto da perícopa, onde sem dúvida o autor está tratando de homem e mulher num sentido geral (cf. 1 Tm 2.8-9).<sup>65</sup>

As considerações de Lopes no texto são a respeito do princípio que Paulo está usando no contexto cultural da Igreja em Éfeso e o tema geral da perícopa. Ele defende que a proibição da mulher ensinar e exercer autoridade sobre o homem está contida num princípio, o qual teve de vir à tona no contexto de Éfeso. O princípio em questão “é o de que se mantenham as distinções e os papéis intrínsecos ao homem e à mulher na igreja e na família”. Portanto, querendo a mulher exercer autoridade sobre o homem estará buscando inverter os papéis colocados por Deus. O tema da perícopa é o do “culto público”, onde a admoestação de Paulo tem a ver com “todos os homens... em todos os lugares”. Palavras ditas para serem cumpridas em todas as épocas. Lopes conclui dizendo que reconhece as características culturais da Igreja e da cidade de Éfeso, no entanto elas foram “o catalisador histórico para admoestações gerais e permanentes”.<sup>66</sup>

No outro lado, encontra-se a opinião “igualitarista”, defendida pelo professor Waldyr Carvalho Luz, por exemplo. Sua opinião consiste em demonstrar como a cultura da época neotestamentária era patriarcal. Indagado do fato de Jesus escolher apenas homem para o apostolado, responde: “Jesus (...) aliciou apenas homens, como, aliás, era a norma no mundo contemporâneo. Se alguma outra motivação teve ele, não a explicitou”. Para ele a chefia do homem na Bíblia é meramente cultural, o teor da autoridade exercida na época não é ontológico ou metafísico, mas o simples exercício do poder, “matéria de cunho puramente cultural”. Seu argumento é de que Cristo rompeu as barreiras e implantou um regime de paridade e igualdade, são abolidas as distinções anteriores.<sup>67</sup> Infelizmente, Luz, apesar de exegeta, não trabalha com textos bíblicos em apoio ao seu parecer, ressaltando a opinião de que os textos bíblicos a respeito da mulher – em especial 1 Timóteo 2.9-15 – são de fato contra a ordenação pastoral feminina. Seu argumento consiste em dizer que a Bíblia foi escrita mediante contexto cultural diferente e por isso algumas ordenanças têm de ser avaliadas por meio dessa informação. Seria uma proposta de releitura cultural?

Da mesma opinião, porém, usando a análise do texto em questão, Malcolm expõe reflexos mais profundos da cultura em que Timóteo se encontrava. Segundo ela, havia grupos cristãos heterodoxos que criam ter a mulher conhecimento espiritual e intelectual superior aos homens. Também muitas heresias insinuavam que a mulher teria sido criada primeira do

---

<sup>65</sup> LOPES, 1997, p. 15.

<sup>66</sup> LOPES, 1997, p. 15.

<sup>67</sup> LUZ, 2011.

que o homem. Éfeso se constituía no centro destes cultos, portanto é bem possível que Paulo se referisse a tais ideias na epístola.

Se Paulo está de fato reagindo às heresias “femininas”, suas afirmações sobre a criação fazem muito sentido. Nos versículos 13 e 14, ele dá um resumo do relato da criação para contestar diretamente a afirmação de que Eva foi o ser moral e espiritualmente superior. Paulo deixa claro que Eva não tinha conhecimento superior; pelo contrário, ela mesma foi enganada e pecou.<sup>68</sup>

Seguindo as informações de Malcolm sobre a cultura em Éfeso, explica-se a base para não ensinar e exercer autoridade alicerçada na Criação e na Queda. Seria mais uma forma de Paulo combater heresias – as quais deturpavam propriamente a Criação e a Queda – do que discursar sobre os papéis universais dos gêneros. Plampin, de opinião concordante, entende que “o propósito desses versículos não é proibir às mulheres o ministério da proclamação do evangelho, mas, em vez disso, seu propósito é refutar uma heresia muito difundida”. Ela explica que a heresia em questão era o gnosticismo, que, dentre outras afirmações, dizia ser Eva predecessora de Adão, a qual lhe infundira vida, e de que Adão havia sido enganado por Eva ao pecar.<sup>69</sup> Todavia, ao reler o argumento de Lopes seria possível questionar se o apóstolo não teria usado um princípio permanente para combater uma heresia local.

Malcolm continua sua leitura da epístola e propõe uma nova tradução para a palavra *authentein* normalmente traduzida por “autoridade”. Como visto anteriormente, esta palavra aparece apenas uma vez no Novo Testamento e por isso é alvo de discussão, chegando a ser considerada alegação de domínio – numa tradução onde Paulo proibiria o “ensino dominador”. A intérprete em questão possui outra proposta, a de *authentein* como “envolver alguém na solicitação de relações sexuais ilícitas”; seu argumento é de que a palavra nunca usada em outro lugar nas Escrituras é empregada desta forma na literatura grega anterior ao N.T. Ela cita também o livro de Sabedoria de Salomão, em que aparece o termo “filhos amaldiçoados” com *authentein*, no qual supõe-se que tais filhos sejam frutos de relações sexuais ilícitas. A tradução de 1 Timóteo 2.12 ficaria: “não permito que a mulher ensine imoralidade sexual, nem envolva o homem em atividade sexual”. A imoralidade sexual advinda de mulheres, ao que parece, era um problema importante na Igreja primitiva.<sup>70</sup>

Nessa leitura, Malcolm conclui falando sobre o último verso no qual a mulher “será salva dando à luz”. Paulo está “mostrando que, mesmo se as mulheres tiveram filhos ilegítimos por causa da participação nesses rituais, elas seriam salvas contanto que se arrependessem em fé e permanecessem no amor e na santidade”.<sup>71</sup> Certamente uma interpretação diferente das vistas acima. Plampin, também “igualitarista”, ao analisar a heresia gnóstica percebe mais uma vez Paulo refutando-a no texto de 1 Timóteo. Tal seita “negavam à mulher o direito da sexualidade sob pena de não ter a vida eterna”. Apontando a expressão grega *dia*, usada em “dando à luz”, ela demonstra que a palavra no acusativo poderia ser traduzida como “por

<sup>68</sup> MALCOLM, 2003, p. 82.

<sup>69</sup> PLAMPIN, 2009, p. 186.

<sup>70</sup> MALCOLM, 2003, p. 81-82.

<sup>71</sup> MALCOLM, 2003, p. 82.

causa de” ou “por conta de”, todavia estando no genitivo é mais acertado traduzi-la por “durante” ou “através”. Sua proposta não é a daquela vista anteriormente, em que a mulher estaria segura *durante* o parto, mas a mulher seria “salva, todavia, em sua função de dar à luz”. Conclui com a interpretação de que “a mulher pode ser salva enquanto mantiver o que a distingue mais decisivamente do homem. [O que é] tanto uma afirmação da integridade espiritual da mulher como um manifesto da capacidade das mulheres dada por Deus de dar à luz filhos”.<sup>72</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão sobre o ministério pastoral feminino começou oficialmente há pelo menos 16 anos na OPBB. As considerações a este respeito, sem dúvida, vieram bem antes de tal data. Portanto, assunto de indispensável discussão num órgão onde a premissa é buscar nas Escrituras Sagradas fundamentação correta para as práticas eclesiais e administrativas da denominação. Nada mais imprescindível que buscar compreender uma perícopes considerada até mesmo a mais importante concernente à ordenação de mulheres.

No texto, as várias interpretações dificultam a precisão de uma resposta objetiva a uma pergunta simples: pode uma mulher ser pastora segundo 1 Timóteo 2.9-15? O que foi entendido rapidamente é a possibilidade de a mulher falar e postular ideias no contexto de uma Igreja local – visto que a ordem de “permanecerem em silêncio” nada mais é que uma tradução incorreta do texto em grego. As mulheres apenas devem ter uma postura “sossegada”, um “comportamento tranquilo”, não possibilitando dificuldades e desordens no momento da reunião cristã.

As divergências encontradas em todo o texto foram: 1) a respeito da mulher estar em silêncio ou apenas permanecer tranquila na Igreja; 2) a questão do ensino e da autoridade da mulher na Igreja ser ou não aspecto apenas cultural; 3) os relatos da Criação e da Queda - que decididamente servem ao contexto de 1 Timóteo - seriam princípios permanentes, exemplos que serviam no momento, ou argumentos contra heresias onde a mulher era vista como superior; 4) o ensinamento da mulher “ser salva dando à luz” é um modo de lembrar o seu papel universal tanto no lar quanto na Igreja ou apenas é uma maneira de demonstrar às mulheres de Éfeso que poderiam assumir papéis mais submissos e pró-casamento.

Por último, foi também demonstrado que cada opinião interpretativa a respeito do papel da mulher – “complementarista” ou “igualitarista” – possui seus argumentos a partir do texto de 1 Timóteo 2.9-15. Os dois lados entendem ser importante respeitar o texto e submeter-se ao que este tem para ensinar, postura que não desfaz a dificuldade em interpretá-lo e as divergentes maneiras como seus ensinamentos podem ser postos em prática. Basicamente quem possui a interpretação “complementarista” vê no texto ordens supraculturais, ou princípios permanentes, ainda que Paulo lide com problemas locais e contextuais; a quem reitera a interpretação “igualitarista” percebe no texto ordens apenas

---

<sup>72</sup> PLAMPIN, 2009, p. 188.

culturais e contextuais, encaixando uma por uma nas necessidades que Timóteo poderia estar passando ao pastorear uma Igreja na cidade de Éfeso.

Motivo de grande indagação é o fato de que lembrar o relato da Criação e da Queda poderia ser devidamente explicado no contexto de Éfeso, usando, por exemplo, como chave interpretativa a heresia citada por Malcolm, que defendia ser a mulher criada antes e também superior ao homem. Um princípio permanente certamente estaria claro em outros textos – e outros contextos – o que faz o leitor se perguntar a respeito de diferentes perícopes de Paulo e em toda a Bíblia.

A decisão da OPBB já foi tomada em janeiro de 2014, bem como a de várias seções no decurso de 2014 e 2015 – tanto favoráveis quanto contrárias ao ministério pastoral feminino. No entanto, cabe hoje e sempre o estudo analítico em busca da melhor interpretação para os textos bíblicos. Certamente 1 Timóteo 2.9-15 não é a única perícopes a versar sobre o papel da mulher na Igreja, porém sua análise contribui num aprofundamento dos princípios e do método de argumentação usado por Paulo. Sem contar o suporte na leitura do contexto geral do corpus paulino.

Ainda que a apreciação do texto não trouxe resposta simples de “sim ou não”, demonstrou que as Escrituras se preocupam com o papel da mulher e certamente o faz para o bem-estar dela e para o seu serviço à comunidade em boas obras. Sua breve análise não possibilitou a resposta enfática, no entanto serviu para mostrar que a mulher não deve ser tratada de modo inferior ao papel que o Senhor lhe conferiu.

## REFERÊNCIAS

**BÍBLIA.** Português. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2003.

BURKI, Hans; BOOR, Werner de. **Cartas aos Tessalonicenses, Timóteo, Tito e Filemon.** Curitiba: Esperança, 2007.

CINTRA, Zenilda Reggiani. **Datas históricas para as pastoras** – em construção. Disponível em: <http://pastorazenilda.blogspot.com.br/2015/01/datas-historicas-para-as-pastoras-em.html>. Acesso em: 27 jul. 2015.

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. **Declaração doutrinária da Convenção Batista Brasileira.** [S.l.]: 2015. Disponível em: [http://www.batistas.com/index.php?option=com\\_content&view=article&id=15](http://www.batistas.com/index.php?option=com_content&view=article&id=15). Acesso em: 27 jul. 2015.

FEE, Gordon. **Novo comentário bíblico contemporâneo: 1 e 2 Timóteo, Tito.** Deerfield: Vida, 1994.

GOULD, J. Glenn. As epístolas pastorais. In: HARPER, A.F. (ed.). **Comentário bíblico Beacon: Gálatas a Filemon, vol. 9.** Rio de Janeiro: Casa publicadora das Assembleias de Deus, 2006. P. 437-572.

HINSON, E. Gleen. I e II Timóteo e Tito. In: ALLEN, Clifton (ed.). **Comentário bíblico Broadman**: Novo Testamento, vol. 11. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1988. P. 360-431.

KELLY, John. **Epístolas pastorais**. São Paulo: Vida Nova, 1983.

LOPES, Augustus Nicodemus. Ordenação feminina: o que o Novo Testamento tem a dizer? **Fides Reformata online**, 1997. Disponível em:

<http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME II 1997 1/ordenação....pdf>. Acesso em: 11 ago. 2015.

MALCOLM, Kari Torjesen. **A identidade feminina segundo Jesus**: princípios relevantes para a mulher de hoje. São Paulo: Vida, 2003.

ORDEM DOS PASTORES BATISTAS DO BRASIL. **Perguntas frequentes**: a OPBB aceita pastoras? [S.l.]: 2012. Disponível em: <http://opbb.org.br/a-opbb/perguntas-frequeentes>. Acesso em: 29 jul. 2015.

ORDEM DOS PASTORES BATISTAS DO BRASIL – SEÇÃO SÃO PAULO. **Diretrizes para realização do plebiscito sobre filiação de pastoras na OPBB-SP**. [S.l.]: 2015. Disponível em: [http://opbb-sp.org.br/images/stories/documentos/diretrizes\\_realizacao\\_presbicito.pdf](http://opbb-sp.org.br/images/stories/documentos/diretrizes_realizacao_presbicito.pdf). Acesso em: 27 jul. 2015.

PEREIRA, José Reis. Vamos consagrar mulheres ao ministério? **O Jornal Batista**, Rio de Janeiro, jul.1976, Editorial e tópicos, p. 3.

PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. Subsídios bíblico-históricos para uma teologia paulina da mulher. In: REGA, Lourenço Stelio (org). **Paulo e sua teologia**. 2ª ed. São Paulo: Vida, 2009. P. 137-164.

PLAMPIN, Carolyn Goodman. Paulo e a mulher na igreja. In: REGA, Lourenço Stelio (org). **Paulo e sua teologia**. 2.ed. São Paulo: Vida, 2009. P. 165-200.

RADMACHER, Earl; ALLEN, Ronald; HOUSE, H. Wayne. **O novo comentário bíblico NT**. Rio de Janeiro: Central gospel, 2010. 864 p.

ROCHA, José Vieira; MACHADO, José Nemésio; AQUINO, Edson Borges. Ordenação feminina. **O Jornal Batista**, Rio de Janeiro, jul.1999, Brasil Batista, p. 4.

WIERSBE, Warren. **Comentário bíblico expositivo do Novo Testamento** volume II. Santo André: Geográfica, 2006.